



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI
COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA

ERICA GOMES ANDRADE

**MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE
CAETITÉ**

**CAETITÉ-BA
2025**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade do Estado da Bahia – Campus VI
Sistema de Bibliotecas
Biblioteca Prof.^a Maria Belma Gumes Fernandes

Andrade, Érica Gomes.

A554m Mapeamento dos coletivos de mulheres do município de
Caetité / Érica Gomes Andrade. – Caetité, 2025.

30 p.: il.

Orientador: Glauber Barros Alves Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) –
Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas,
Caetité, 2025.

1. Cartografia Social. 2. Feminismo. 3. Coletivos de mulheres –
Caetité. 4. Território. I. Costa, Glauber Barros Alves. II. Universidade do
Estado da Bahia - Campus VI. Departamento de Ciências Humanas.
III. Título.

CDD 22:301

Elaboração (Resolução CFB nº 184/2017):
Fernanda Mota de Oliveira, CRB-5/1973

ERICA GOMES ANDRADE

MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE CAETITÉ

Pesquisa científica apresentada ao Colegiado de Geografia - Licenciatura do Departamento de Ciências Humanas – DCH – *Campus* VI da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Glauber Barros Alves Costa

CAETITÉ

2025

ERICA GOMES ANDRADE

**MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE
CAETITÉ**

Artigo apresentado ao Colegiado de Geografia – Licenciatura do Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus VI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Geografia.

Caetité, 2025

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Glauber Barros Alves Costa – Orientador

Professora Fabiana Gomes Soares - Examinadora

Professora Maria Isabel da Silva Pereira - Examinadora

ATA DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA

Aos vinte cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco, às dez horas, na UNEB – Campus VI, foi realizada a defesa da Monografia da aluna Erica Gomes Andrade, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – *Campus VI*, com o Título: MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE CAETITÉ, tendo a seguinte Banca Examinadora: Professoras Mestrandas Fabiana Gomes Soares e Maria Isabel da Silva Pereira, como Orientador o Professor Doutor Glauber Barros Alves Costa tendo o seguinte resultado: *Apro.* A banca parabeniza pelo trabalho de qualidade e relevante para a Academia e a comunidade e recomenda a publicação. Para lavrar a presente Ata, eu, Doutor Glauber Barros Alves Costa, Presidente da Banca, encerro a presente Ata, que vai ser assinada por mim e pelos demais Membros da Banca.

Banca Examinadora:

Orientador

Glauber Barros Alves Costa

Professor Doutor Glauber Barros Alves Costa

1ª Examinadora

Fabiana Gomes Soares

Professora Professora Mestranda Fabiana Gomes Soares

2ª Examinadora

Maria Isabel da Silva Pereira

Professora Professora Mestranda Maria Isabel da Silva Pereira

Discente:

Erica Gomes Andrade

Erica Gomes Andrade

Caetité, 25 setembro de 2025

Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.

William Shakespeare

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida, pela força e pela sabedoria concedidas durante esta caminhada acadêmica. Foi Ele quem iluminou meus passos, sustentou minha fé e me deu coragem para enfrentar os desafios que se apresentaram ao longo desta jornada.

Agradeço à minha família, alicerce de toda a minha trajetória. Aos meus pais, pelo amor, dedicação e incentivo incansáveis, que sempre acreditaram no meu potencial e não mediram esforços para que eu pudesse alcançar esta conquista.

Expresso minha gratidão também aos amigos que caminharam ao meu lado, tornando os dias mais leves e compartilhando risos, aprendizados e conquistas. Cada gesto de amizade, cada palavra de apoio e cada instante vivido juntos foram essenciais para que eu não desistisse diante das dificuldades.

Agradeço de modo especial a todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica, pela dedicação em transmitir conhecimento e por me inspirarem a compreender a importância da educação como ferramenta de transformação social. A cada aula, debate e atividade desenvolvida, construí não apenas saberes, mas também valores que levarei para toda a vida.

Minha gratidão ao meu orientador, Professor Doutor Glauber Barros Alves Costa, pela paciência, pelos conselhos e pelo compromisso ao longo de todo o processo de construção deste trabalho. Sua orientação criteriosa e seu apoio foram fundamentais para o amadurecimento desta pesquisa e para minha formação enquanto estudante e futura profissional.

Por fim, estendo meu agradecimento a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista. A cada um, minha eterna gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa discute a cartografia como ferramenta política e metodológica na análise de coletivos de mulheres em Caetité-BA. O objetivo é compreender como o mapeamento contribui para dar visibilidade às práticas, redes de solidariedade e formas de resistência construídas por mulheres em diferentes contextos socioculturais. A pesquisa baseou-se em abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica sobre feminismo, produção do espaço e cartografia social com a elaboração de mapas por meio do aplicativo Gaia GPS e do software QGIS. Os resultados indicam que os grupos femininos da cidade apresentam naturezas distintas, alguns de caráter religioso, como a Legião de Maria, o Terço das Mulheres e o Terno das Ciganas; Outros de caráter social e político, como o Movimento de Mulheres Camponesas, a Associação das Senhoras de Caridade e o Clube da Amizade. Essa diversidade evidencia a pluralidade das experiências femininas e reforça a cartografia social como prática capaz de incorporar vivências e memórias, ressignificando os mapas como instrumentos de denúncia, reconhecimento e transformação.

Palavras-chave: Cartografia Social; Feminismo; Coletivos de Mulheres; Caetité; Território.

ABSTRACT

This article discusses cartography as a political and methodological tool in the analysis of women's collectives in Caetité, Bahia. The objective is to understand how mapping contributes to giving visibility to the practices, solidarity networks, and forms of resistance constructed by women in different sociocultural contexts. The research was based on a qualitative approach, combining a literature review on feminism, spatial production, and critical cartography with the creation of maps using the Gaia GPS application and QGIS software. The results indicate that the city's women's groups have distinct natures: some religious, such as the Legion of Mary, the Rosary of Women, and the Terno das Ciganas; others social and political, such as the Peasant Women's Movement, the Association of Ladies of Charity, and the Friendship Club. This diversity highlights the plurality of women's experiences and reinforces social cartography as a practice capable of incorporating experiences and memories, redefining maps as instruments of denunciation, recognition, and transformation.

Keywords: Social Cartography; Feminism; Women's Collectives; Caetité; Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Caetité (BA)

Figura 2 - Pirâmide etária do município de Caetité (2022)

Figura 3 - Mapa de Localização dos Coletivos de Mulheres em Caetité-BA 2025

Figura 4 - Mapa de Localização dos Coletivos de Mulheres em Caetité-BA 2025

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
1.1. Justificativa da pesquisa.....	11
2. Metodologia.....	12
3. A Luta Das Mulheres e os Diferentes Feminismo.....	15
4. A Cartografia Social na Discussão do Mapeamento De Mulheres.....	18
5. Mapeamento dos Coletivos de Mulheres em Caetité-Ba.....	20
6. Considerações Finais.....	26
7. Referências.....	28

INTRODUÇÃO

As lutas e organizações das mulheres sempre desempenharam um papel fundamental na construção de sociedades mais justas e igualitárias. Ao longo da história, esses movimentos assumiram diferentes formas, acompanhando mudanças políticas, sociais e culturais, mas muitas de suas experiências seguem invisíveis nas narrativas oficiais.

O município de Caetité está localizado na região Sudoeste da Bahia e integra o território de identidade do Sertão Produtivo. Possui uma população de aproximadamente 50 mil habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022). Historicamente, destaca-se como um importante centro educacional e cultural do interior baiano, reconhecido pela preservação de tradições religiosas, artísticas e pela atuação de movimentos sociais. A economia local baseia-se principalmente na agropecuária, no comércio e na prestação de serviços, mas também vem se diversificando com o avanço da mineração e de iniciativas ligadas à energia renovável. Esse contexto sociocultural plural favorece o surgimento de diferentes formas de organização coletiva, entre elas os grupos e associações de mulheres que, ao longo do tempo, têm desempenhado papel relevante na vida comunitária, na promoção da solidariedade e na valorização das identidades locais.

Nesse cenário, a cartografia social surge como ferramenta capaz de tornar visíveis trajetórias, práticas e espaços que foram silenciados ou negligenciados, valorizando saberes e vivências coletivas.

Ao articular o olhar crítico do feminismo com métodos participativos de mapeamento, a cartografia social possibilita compreender o território para além de seus limites físicos, como um espaço vivido, marcado por memórias, afetos e resistências. Essa perspectiva amplia a compreensão sobre como mulheres constroem redes de apoio, fortalecem identidades e enfrentam desigualdades estruturais. Conforme destaca Marques, 2019, p. 273

A cartografia desses trajetos revela a produção singular de significados a esse espaço denominado genericamente 'assentamento de reforma agrária'... onde corpos, desejos, emoções e afetos definem as coordenadas fundamentais."

No município de Caetité, o mapeamento dos coletivos de mulheres evidencia a diversidade e a força de grupos que atuam em diferentes frentes religiosas, culturais, assistenciais e políticas, revelando que o território não é apenas cenário, mas parte ativa das transformações sociais que essas mulheres protagonizam.

A compreensão dessas dinâmicas parte do entendimento de que o território não se limita a um espaço físico demarcado, mas é construído e constantemente ressignificado pelas relações sociais que nele se desenvolvem. Nesse contexto, a cartografia social assume um papel relevante ao representar o espaço a partir das vivências e percepções das mulheres, rompendo com a aparente neutralidade dos mapas convencionais e incorporando elementos simbólicos, culturais e afetivos que traduzem as experiências de viver e resistir em determinados lugares.

A inserção da perspectiva feminista nesse processo amplia a análise, indo além das desigualdades de gênero e incorporando dimensões como raça, classe, religiosidade e identidade cultural. Esse aspecto é particularmente significativo em realidades como a de Caetité, onde diferentes coletivos femininos, sejam de natureza religiosa, comunitária, política ou cultural, se organizam para enfrentar múltiplas formas de opressão, estabelecer redes de solidariedade e promover transformações no cotidiano.

O mapeamento desses coletivos não se restringe à identificação de sua localização geográfica, mas revela também suas articulações internas e externas, os territórios que ocupam e a forma como transformam o espaço em função de suas lutas. Ao evidenciar pontos de encontro, trajetórias e áreas de atuação, a cartografia social materializa práticas coletivas e possibilita compreender como esses grupos contribuem para o fortalecimento de um tecido social mais coeso, inclusivo e participativo.

Dessa forma, a integração entre cartografia social e coletivos de mulheres em Caetité reforça o entendimento do mapa como um instrumento vivo de memória, resistência e ação política, capaz de registrar a diversidade das experiências femininas e inspirar novos caminhos para a busca por direitos e igualdade.

Diante desse contexto, o objetivo desta pesquisa é compreender como a cartografia social pode ser utilizada como instrumento de análise, registro e valorização das práticas e redes de solidariedade construídas pelos coletivos de mulheres do município de Caetité. Busca-se, com isso, evidenciar de que maneira o mapeamento contribui para o entendimento das relações entre gênero, território e organização social, reconhecendo as mulheres como protagonistas na produção e transformação do espaço.

1.1 Justificativa da Pesquisa

A escolha do tema decorre da necessidade de compreender e valorizar o papel das mulheres no território de Caetité, reconhecendo a importância de suas ações e formas de organização social. Observa-se que, apesar da presença consolidada dos coletivos femininos no município, ainda há carência de registros sistematizados que analisem suas contribuições sob a perspectiva geográfica e social.

A escolha deste tema decorre também da minha vivência enquanto mulher, que reconhece a relevância das organizações femininas locais e suas contribuições para o fortalecimento social e comunitário. Dessa forma, esta pesquisa representa não apenas um exercício acadêmico, mas também um compromisso pessoal de valorização e reconhecimento das trajetórias dessas mulheres, cujas práticas e resistências compõem parte essencial da história e da identidade do território caetiteense.

A proposta de realizar o mapeamento dos coletivos de mulheres surge, portanto, da relevância em reconhecer, registrar e analisar suas práticas, trajetórias e redes de solidariedade. A pesquisa busca contribuir para o fortalecimento do debate sobre a atuação das mulheres como agentes transformadoras de seus territórios, evidenciando como suas ações coletivas consolidam vínculos sociais e promovem a construção de espaços mais justos e participativos.

Além do caráter científico, este estudo apresenta também um valor social e simbólico, ao reafirmar a importância da cartografia social como ferramenta de representação e valorização das experiências femininas. Desse modo, a pesquisa se propõe a dialogar com os debates contemporâneos sobre gênero,

território e poder, reforçando o papel das mulheres de Caetité como protagonistas na produção e transformação do espaço.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória, bibliográfica e descritiva, com abordagem quali-quantitativa e predominância qualitativa. A opção exploratória permitiu situar e identificar os coletivos de mulheres em Caetité; a etapa bibliográfica ofereceu suporte teórico sobre cartografia social e feminismos; e o caráter descritivo possibilitou documentar e representar espacialmente as práticas e locais de atuação desses coletivos. Segundo Lakatos e Marconi (2007), a pesquisa qualitativa tem como propósito compreender os fenômenos sociais por meio da análise dos significados, valores e percepções dos sujeitos, valorizando os aspectos subjetivos da realidade estudada. Nesse estudo, o enfoque qualitativo foi complementado por elementos quantitativos, especialmente no uso de dados demográficos do IBGE (2022) e na elaboração de mapas temáticos com base em informações georreferenciadas. Essa combinação metodológica permitiu construir uma análise mais ampla, articulando o conteúdo empírico e interpretativo.

Essa metodologia possibilitou integrar dimensões espaciais e sociais, valorizando a escuta, a experiência e a participação feminina como elementos centrais para a construção do conhecimento sobre o território.

Segundo Lakatos e Marconi (2007, apud Almeida, 2021, p. 9)

[...] a Metodologia como sendo uma ciência que visa estudar, avaliar e compreender os diversos métodos para desempenhar uma pesquisa científica. No intuito de uma aplicação assertiva, ela examina, descreve e avalia diversos métodos que te ajudarão com a quantificação, coleta de dados, processamento de informações, para que se chegue à resolução de problemas ou as investigações da pesquisa.

O levantamento de informações ocorreu em duas etapas complementares. A primeira consistiu na revisão bibliográfica sobre cartografia social, feminismos e organização de coletivos de mulheres, permitindo a consolidação de um referencial teórico capaz de sustentar a análise e orientar a representação cartográfica.

O referencial teórico que sustenta esta pesquisa foi construído com base em autores que discutem a relação entre gênero, território e cartografia social. Destacam-se as contribuições de Gohn (2007), ao abordar o papel das mulheres como agentes nos movimentos sociais; Andrade, Cunha e Rezende (2023), que apresentam uma leitura histórica e plural dos feminismos no Brasil; e Teixeira, Lopes e Júnior (2019), que aprofundam o debate sobre as diferentes vertentes feministas, com ênfase nas relações entre gênero e classe.

No campo da cartografia social, foram referências fundamentais os trabalhos de Neves e Gonçalves (2023), Araújo e Pardini (2023) e Ruckmann e Ranck (2017), que discutem a cartografia como instrumento metodológico e educativo, voltado à valorização de sujeitos e práticas sociais. Além disso, Marques (2019) contribui com a compreensão da cartografia existencial de mulheres em assentamentos rurais, ampliando a perspectiva sobre o mapeamento como forma de expressão e resistência. Esses autores forneceram o embasamento teórico necessário para compreender como o mapeamento pode revelar dimensões sociais, políticas e simbólicas dos coletivos de mulheres em Caetité.

A segunda etapa correspondeu ao mapeamento participativo dos coletivos de mulheres. O processo de mapeamento dos coletivos de mulheres em Caetité foi desenvolvido em diferentes etapas, combinando levantamento de informações, registro geográfico e elaboração cartográfica.

Inicialmente, foi realizado um levantamento exploratório para identificar quais coletivos femininos atuavam no município. Essa busca ocorreu por meio de consultas a registros públicos e comunitários, como os disponibilizados pela Prefeitura Municipal e pelas paróquias locais, além de indicações obtidas em redes sociais, reportagens e conversas informais com moradores que participam de grupos religiosos, culturais e sociais. Essa etapa possibilitou reunir informações preliminares sobre a localização, natureza e forma de atuação dos grupos.

Após a identificação dos coletivos, procedeu-se ao registro geográfico dos pontos de atuação utilizando o aplicativo Gaia GPS, ferramenta que permite marcar coordenadas de latitude e longitude diretamente no campo, com precisão e facilidade de exportação dos dados. Cada ponto foi registrado de acordo com o local de reunião ou de atuação principal de cada coletivo.

As informações coletadas no Gaia GPS foram posteriormente exportadas em formato compatível com o software QGIS, ambiente de código aberto amplamente utilizado na produção de mapas temáticos e análises espaciais. No QGIS, as coordenadas foram importadas e organizadas em camadas distintas para cada coletivo, possibilitando a visualização individual e comparativa dos grupos.

Em seguida, foram aplicados recursos de simbologia, cores e legendas para diferenciar as categorias de coletivos religiosos, sociais e políticos, assegurando uma leitura clara e objetiva dos dados. Além disso, foram inseridos elementos cartográficos básicos, como escala gráfica, norte e legenda, conforme as normas de representação espacial.

Por fim, os mapas temáticos resultantes foram analisados à luz do referencial teórico, articulando as dimensões sociais e territoriais das práticas femininas em Caetité. Esse procedimento metodológico permitiu compreender como os coletivos se distribuem no espaço urbano e de que maneira suas ações contribuem para o fortalecimento das redes de solidariedade e participação comunitária.

Na elaboração cartográfica, priorizou-se uma representação visual clara e acessível, de modo que os mapas pudessem ser compreendidos e apropriados pelos coletivos e pela comunidade local. Elementos gráficos como cores e símbolos foram utilizados para indicar diferentes formas de atuação e áreas de abrangência, incorporando aspectos qualitativos às representações. O método qualitativo Segundo Almeida (2021),

Observa, analisa e interpreta os dados com base numa visão psicossocial, admitindo que exista uma relação entre o sujeito e a realidade (mundo real), ou seja, entre a subjetividade e o mundo objetivo que apenas números não conseguem responder às principais questões. Então, é na análise dos fenômenos sociais e sua interpretação que se fundamenta o método qualitativo, não necessitando de fórmulas matemáticas e estatísticas. (p.23)

Ao adotar a cartografia social como recurso metodológico, a pesquisa rompe com a neutralidade das representações tradicionais e assume o mapa como linguagem política e sensível. Dessa forma, a produção cartográfica torna-se também um espaço de diálogo e reconhecimento, fortalecendo as redes de apoio e reafirmando a relevância das mulheres na produção e transformação do território de Caetité.

Com base nos dados levantados, o trabalho adota o mapa como um instrumento que ultrapassa a função técnica, transformando-se em meio de expressão das identidades e resistências femininas. Assim, a metodologia não se limita à coleta e organização das informações, mas compreende o processo de cartografar como parte integrante da luta por reconhecimento e justiça social. Dessa forma, o resultado obtido não é apenas um registro visual, mas também uma narrativa construída coletivamente, que valoriza e fortalece a presença das mulheres de Caetité em seus múltiplos espaços de atuação.

A etapa de mapeamento foi realizada utilizando o aplicativo Gaia GPS, ferramenta que possibilitou o registro geográfico preciso dos pontos correspondentes aos locais de atuação dos coletivos de mulheres. Esses dados foram exportados e processados no software QGIS, que permitiu a organização, análise e elaboração dos mapas temáticos.

No ambiente do QGIS, as informações coletadas foram tratadas e georreferenciadas, possibilitando a criação de camadas específicas para cada coletivo identificado. A escolha dessa plataforma se deu por seu caráter de software livre e por oferecer recursos adequados à produção de mapas com clareza visual e precisão espacial, atendendo aos objetivos da pesquisa. Como destacam Silva, Carvalho e Souza (2020, p. 45), o QGIS é amplamente utilizado em pesquisas sociais por possibilitar a construção de mapas temáticos que traduzem dinâmicas territoriais de forma crítica e acessível.

O processo de elaboração cartográfica priorizou a utilização de simbologias e cores distintas para diferenciar os coletivos, garantindo uma leitura acessível, objetiva e clara. Além disso, optou-se por inserir elementos básicos de orientação, como escala gráfica, legenda e indicação de norte, de modo a facilitar a interpretação por parte de diferentes públicos.

Dessa forma, os mapas produzidos não se limitam a representar a localização geográfica dos coletivos, mas permitem identificar padrões de distribuição e possíveis concentrações, auxiliando na compreensão das relações entre essas organizações e o território que ocupam. Essa visualização espacial contribui para destacar a importância estratégica desses grupos e reforça o papel da cartografia social como instrumento de valorização e fortalecimento das redes de mulheres em Caetité.

A LUTA DAS MULHERES E OS DIFERENTES FEMINISMO

Ao longo da história, as mulheres sempre lutaram para ter seus direitos reconhecidos. No início, o feminismo surgiu para questionar a desigualdade entre homens e mulheres, buscando mudanças políticas, sociais e econômicas. Mas, com o tempo, percebeu-se que as mulheres não vivem todas as mesmas experiências. Enquanto algumas lutavam apenas pelo direito ao voto ou ao trabalho, outras, como as mulheres negras, enfrentavam além da desigualdade de gênero, também o racismo e a pobreza.

De acordo Gohn (2007, p. 48):

Durante toda a primeira fase do feminismo, destacaram-se mulheres como atrizes independentes, defensoras dos direitos das mulheres, em um mundo dominado pelos homens. elas fundamentalmente exercitavam o princípio democrático da igualdade, lutando no campo dos direitos civis e políticos, fundamentados, na maioria dos casos, na democracia liberal. a idéia de “coletivos públicos” era ainda frágil, já que a mulher estava confinada ao espaço privado, doméstico.

Desde muito cedo na história, as mulheres precisaram lutar para serem reconhecidas como cidadãs e para terem seus direitos respeitados. Durante muito tempo, as mulheres foram excluídas das decisões políticas, da educação, do mercado de trabalho e até mesmo dos espaços públicos. Essas exclusões levaram as mulheres a se organizarem em movimentos sociais que, mais tarde, ficariam conhecidos como movimentos feministas. O feminismo, de maneira geral, busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Mas é importante destacar que existem várias formas de feminismo, porque nem todas as mulheres vivem as mesmas realidades.

Ainda sobre isso, Andrade; Cunha; Rezende (2023, p. 39) ressalta que:

Podemos pensar que a teoria feminista é um movimento convertido em teoria, ou seja, a teoria se alimenta das lutas feministas, das lutas cotidianas, das lutas políticas. Os feminismos também são múltiplos, são plurais e eles vem se pluralizando cada vez mais no contexto em que a gente vive. Vemos na internet falarem de feminismo liberal, feminismo negro, feminismo interseccional, feminismo marxista, feminismo socialista, feminismo classista, feminismo lésbico, feminismo radical e transfeminismo.

O feminismo, então, foi se transformando. Surgiu o feminismo negro, que mostrou que não basta falar apenas em "mulheres" de forma geral. É preciso entender que as mulheres negras têm uma história de luta diferente. Elas

sofreram e ainda sofrem preconceitos tanto pela cor da pele quanto pelo fato de serem mulheres. Suas lutas são duplas, e muitas vezes esquecidas.

[...] teorias feministas é enfrentar a desigualdade de gênero, produzir conhecimento para construir uma sociedade mais justa, uma sociedade mais humanitária, uma sociedade em que as relações de gênero, raça e classe não sejam definidoras dos lugares que as pessoas ocupam, das oportunidades, das possibilidades que elas têm. Isso é explícito nas teorias feministas. (Andrade; Cunha; Rezende, 2023, p.39-40)

As teorias feministas, vão muito além da luta por igualdade entre homens e mulheres. Elas representam um compromisso profundo com a justiça social, pois questionam as estruturas que determinam onde cada pessoa pode estar na sociedade com base em gênero, raça ou classe. Ao produzir conhecimento crítico, o feminismo contribui para a construção de um mundo mais humano e solidário, onde as oportunidades não sejam privilégio de alguns, mas direito de todos.

O feminismo negro chama atenção para o fato de que mulheres negras não sofrem apenas com o machismo, mas também com o racismo e a desigualdade social, lidando com diferentes formas de violência e exclusão. Foi a partir dessa experiência que surgiu o feminismo negro, que destaca a necessidade de olhar para a luta das mulheres de maneira mais ampla, considerando também a raça e a classe social.

Falar de mulheres e feminismo é entender que existem diferentes formas de ser mulher e diferentes formas de lutar. É reconhecer que o feminismo negro trouxe novas perguntas e novos caminhos para essa luta, reconhecendo e valorizando as vozes já presentes nas práticas coletivas dessas mulheres. É possível perceber que a luta das mulheres é coletiva, mas também respeita as diferenças individuais de cada grupo.

A construção de mapas, a escrita de suas histórias e a participação nos movimentos sociais mostram que as mulheres são agentes fundamentais na construção da democracia, da justiça social e da valorização das culturas populares.

O feminismo não deve ser compreendido como um movimento único, mas como um conjunto de correntes que dialogam entre si e expressam diferentes experiências e contextos históricos. O feminismo radical, por exemplo, surgiu na década de 1960 em meio às lutas pelos direitos civis e contra a Guerra do Vietnã,

como resposta à insatisfação diante do sexismo presente nos movimentos sociais da época, defendendo a superação das distinções de gênero e de sexo em busca de uma sociedade mais igualitária. Já o feminismo marxista fundamenta-se na crítica ao capitalismo e ao liberalismo político, entendendo o gênero como uma categoria social construída a partir de relações de dominação e opressão. O feminismo socialista, por sua vez, analisa o gênero como resultado de múltiplas determinações sociais, envolvendo sexo, raça, ideologia e a articulação entre os sistemas capitalista e patriarcal. Teixeira; Lopes; Junior (2019, p. 417-418)

Todas essas vertentes, com suas singularidades, contribuem para ampliar a compreensão das desigualdades e para fortalecer a luta por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Essa vertente se apropriou da ideologia da luta de classes proposta por Marx e Engels, considerando o gênero e classe como categorias sociais, caracterizadas pela opressão do sistema capitalista, isso quer dizer que as mulheres também são consideradas como uma classe oprimida por esse sistema. (Teixeira; Lopes; Junior. 2019 p.417-418)

O feminismo é múltiplo e carrega em si diferentes vozes e perspectivas. Correntes como o feminismo liberal, radical, negro, indígena, marxista e ecofeminismo mostram que não existe uma única forma de ser feminista, mas sim uma luta coletiva por justiça que leva em conta as diversas realidades vividas pelas mulheres. Essa diversidade fortalece o movimento e amplia seu alcance, tornando-o mais inclusivo e transformador.

A CARTOGRAFIA SOCIAL NA DISCUSSÃO DO MAPEAMENTO DE MULHERES

Entender a cartografia social é uma maneira de enxergar o território a partir das experiências de quem vive nele. Diferente dos mapas tradicionais, que muitas vezes são distantes da realidade das pessoas, essa abordagem propõe um mapeamento mais sensível, coletivo e participativo. É uma forma de destacar as práticas e contribuições a sujeitos e grupos que normalmente não são considerados nos processos formais de produção do espaço. A cartografia social se torna uma ferramenta importante justamente por permitir que o território seja representado a partir das vivências, histórias e relações sociais que o compõem.

O uso da cartografia social (CS) como proposta educativa e política permite não apenas enxergar essas existências, mas também valorizá-las, respeitando a diversidade de experiências que compõem a sociedade.

A partir do feminismo, a cartografia social mostra seu valor ao destacar as vivências de mulheres e comunidades invisibilizadas, fortalecendo suas lutas e identidades. Como ressalta os autores Neves; Gonçalves; (2023, p. 493)

Na educação, a CS tem se mostrado potente no desenvolvimento não só da capacidade dos estudantes em internalizar conceitos cartográficos, mas também na apropriação do espaço, do fortalecimento dos grupos sociais e despertar da conscientização política das comunidades afetadas.

No contexto do mapeamento de mulheres, a cartografia social torna-se uma ferramenta estratégica para tornar visíveis trajetórias, presenças e realidades que historicamente foram apagadas ou negligenciadas pelos registros oficiais. Ao considerar gênero como uma dimensão central na produção do espaço, essa abordagem permite compreender como as mulheres ocupam, vivenciam e transformam os territórios a partir de suas experiências cotidianas. Mapear mulheres, nesse sentido, é também reconhecer suas práticas de resistência, seus espaços de cuidado, trabalho e luta, e denunciar as desigualdades que atravessam seus corpos e territórios. Assim, a cartografia social contribui para o fortalecimento das vozes femininas e para a construção de representações mais justas e plurais do espaço. Pois segundo Araújo; Pardini; (2023, p.259)

A Cartografia é um instrumento fundamental à pesquisa Geográfica. Ainda na primeira metade do século XX, quando se estruturavam as bases da Cartografia Sistemática brasileira, o Engenheiro Cristóvão Leite de Castro, Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia, em discurso proferido no dia 28 de junho de 1940, afirmava que a Geografia estudava a Terra e a Cartografia a representava.

A cartografia, nesse contexto, deixa de ser uma representação técnica e neutra para se tornar um instrumento de leitura espacial da realidade social. Quando pensada a partir das experiências das mulheres, ela revela muito mais do que a distribuição física dos espaços evidencia relações de poder, desigualdades estruturais e modos de existência silenciados pelas cartografias tradicionais.

A cartografia social, portanto, amplia o papel do mapa ao incorporá-lo como linguagem política e sensível. Por meio dela, tornam-se visíveis os percursos cotidianos, os territórios do cuidado, os locais marcados pela violência e também os espaços de resistência e solidariedade. Ao mapear com esse olhar atento às

dinâmicas de gênero, o ato de cartografar passa a ser também uma forma de reivindicar presença e transformar as representações sobre o território.

Ranck; Bruckmann; (2017, p.10) ressalta em um dos seus textos que:

Frente a afirmativa de que o mapa é um instrumento poderoso, buscamos trabalhar com uma perspectiva de mapeamento diferenciada do mapeamento convencional. Nesse sentido, escolhemos utilizar a cartografia social para trabalhar as inquietudes, perspectivas e percepções dos alunos sobre seu espaço habitado e suas relações com o meio.

Além disso, ao tirar o foco das escalas oficiais e das representações centradas nos grandes centros de poder, a cartografia social passa a valorizar aquilo que é vivido no cotidiano e, muitas vezes, ignorado pelos mapas tradicionais. Ela rompe com a ideia de que o conhecimento válido é apenas aquele produzido por instituições formais, dando espaço para os saberes que nascem da escuta, da memória e da experiência direta com o território.

No mapeamento de mulheres, por exemplo, essa abordagem permite trazer à tona realidades que geralmente ficam apagadas, como as violências, a desigualdade e os espaços que representam resiliência e afeição. Colocar essas vivências no mapa é uma forma de dar visibilidade ao que costuma ser silenciado, transformando o ato de mapear em algo político, crítico e comprometido com uma visão mais justa e plural do espaço.

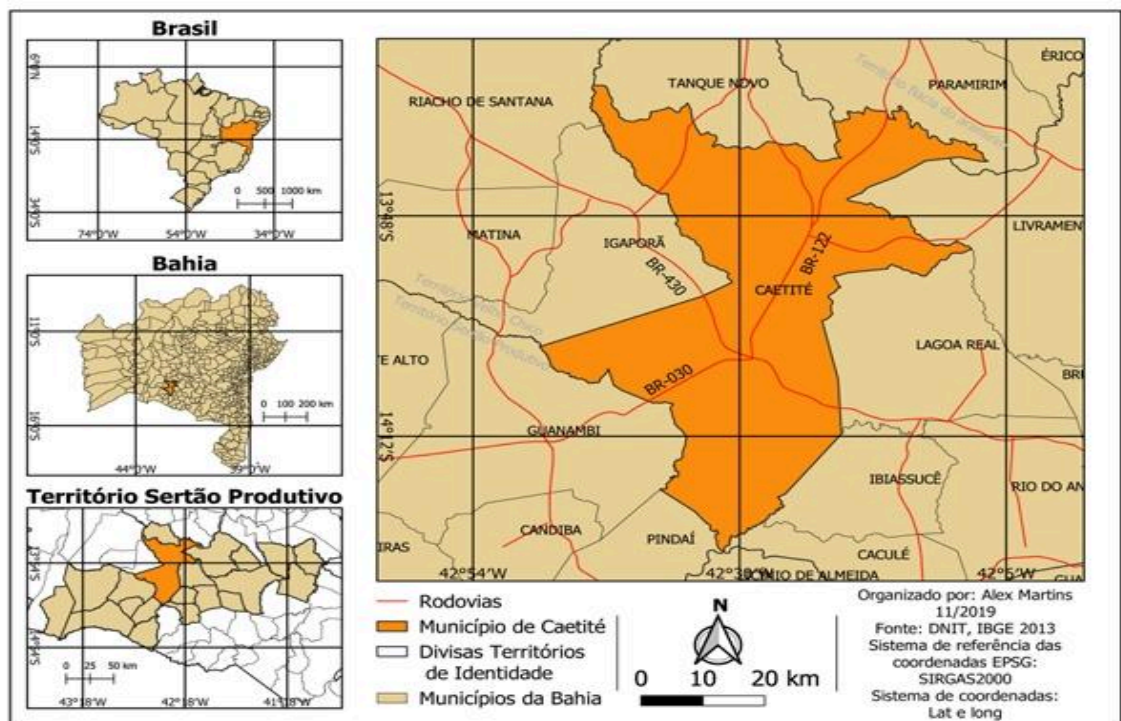
Portanto, fica evidente que a cartografia social não se limita a representar o espaço, mas atua como uma ferramenta potente de escuta, denúncia e transformação. Ao incorporar as vivências, memórias e percepções de sujeitos historicamente invisibilizados, especialmente das mulheres, essa prática amplia as formas de compreender e narrar o território. “A cartografia, quando utilizada em sua vertente social, possibilita dar visibilidade a sujeitos e práticas invisibilizados, ressignificando os mapas como instrumentos de luta e representação” Araújo e Pardini, (2023). Mapear, nesse contexto, é também reconhecer desigualdades, afirmar identidades e construir outras possibilidades de existência no espaço. Assim, a cartografia social se consolida como um caminho metodológico e político essencial para fortalecer vozes, promover justiça e ressignificar os mapas como espaços vivos de disputa e representação.

MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES EM CAETITÉ-BA

Com o intuito de situar espacialmente a área de estudo, apresenta-se, a seguir, o mapa de localização do município de Caetité (Figura 1). O referido mapa permite visualizar a posição geográfica do município, destacando sua inserção no estado da Bahia e, mais especificamente, no território de identidade do Sertão Produtivo.

A representação evidencia os limites municipais, as principais rodovias de acesso e a configuração territorial da região, elementos fundamentais para a compreensão do contexto geográfico em que se desenvolvem as práticas sociais e os coletivos de mulheres analisados nesta pesquisa. Dessa forma, o mapa de localização constitui um recurso cartográfico essencial para a contextualização espacial da investigação, oferecendo subsídios à interpretação das dinâmicas territoriais de Caetité e de sua área de influência.

Figura 1 – Localização do município de Caetité (BA)



Fonte: MARTINS (2019), adaptado de DNIT e IBGE (2013)

De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Caetité apresenta uma população de 52.012 habitantes. A análise da pirâmide etária local evidencia

uma distribuição relativamente equilibrada entre homens e mulheres nas faixas etárias jovens e adultas, mas, a partir dos 60 anos, a presença feminina torna-se mais expressiva, o que indica um processo de envelhecimento populacional com maior representatividade do sexo feminino. Essa informação é relevante para compreender as dinâmicas sociais e a importância das mulheres nas redes de cuidado e sociabilidade do município, aspectos que dialogam diretamente com o objetivo desta pesquisa.

Figura 2 – Pirâmide etária do município de Caetité (2022)



Fonte: IBGE

A pirâmide etária de Caetité revela a relevância da presença feminina, especialmente nas faixas de idade mais avançadas, o que evidencia a importância de considerar as mulheres como protagonistas nas dinâmicas do município. Esses dados demográficos ajudam a compreender melhor os territórios e reforçam a necessidade de dar visibilidade às experiências que, muitas vezes, permanecem ocultas nas representações tradicionais.

Mapear é mais do que localizar pontos no espaço geográfico, é dar visibilidade a histórias, relações e práticas que muitas vezes são invisibilizadas pelas representações cartográficas tradicionais. O mapeamento, quando utilizado

como ferramenta, permite revelar dinâmicas sociais, afetivas e políticas presentes nos territórios. Ele se torna um instrumento de valorização de saberes locais, de fortalecimento de identidades e de resistência simbólica. Ao decidir o que mapear e como mapear, constrói-se uma narrativa que desafia as lógicas dominantes e reconhece a complexidade dos espaços vividos, especialmente quando se trata de grupos que costumam ser pouco visibilizados como os coletivos de mulheres.

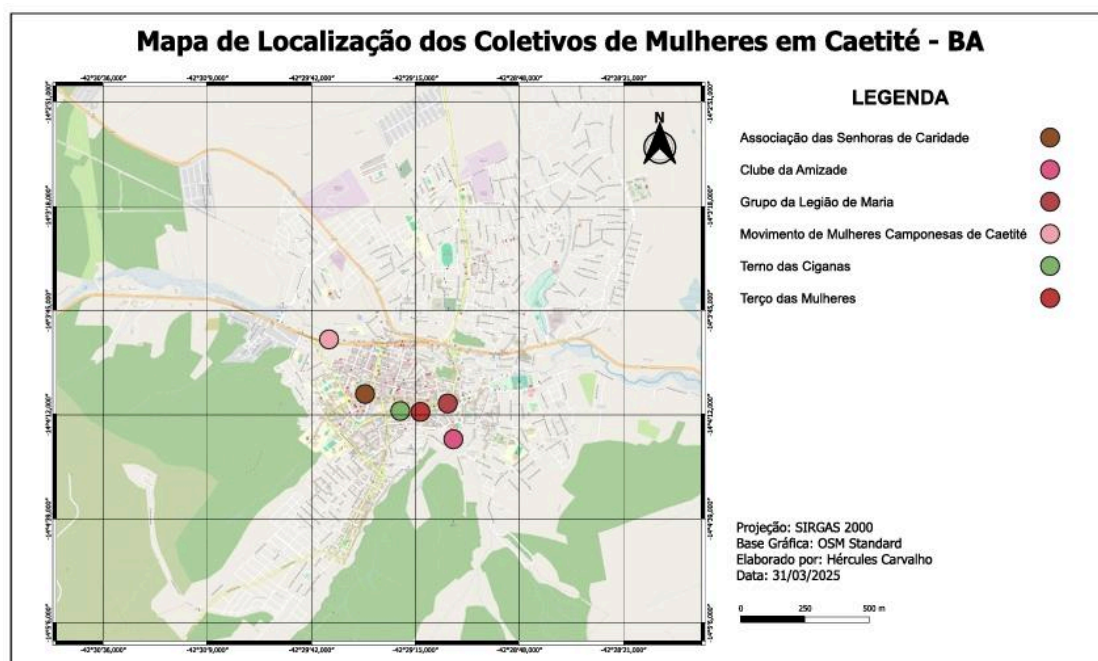
Para entender melhor os coletivos de mulheres no município de Caetité, fizemos um mapeamento das possíveis localidades onde essas mulheres se reúnem. Cada localidade mapeada revela um recorte específico das vivências, das lutas e das conquistas dessas mulheres, destacando a importância de sua presença ativa na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os dois mapas apresentados nesta pesquisa têm finalidades complementares. O Mapa 1 representa a localização geral dos coletivos de mulheres no território urbano de Caetité, permitindo visualizar a distribuição espacial dos grupos no contexto do município como um todo. Ele tem como objetivo oferecer uma visão panorâmica, evidenciando a presença e a proximidade entre os diferentes coletivos que compõem a rede feminina local.

Já o Mapa 2 apresenta uma visão ampliada e detalhada da área central da cidade, onde se concentra a maior parte dos grupos mapeados. Nessa representação, é possível observar com mais precisão os pontos de encontro, a proximidade entre os coletivos e os espaços de atuação compartilhados, permitindo identificar padrões de organização e possíveis articulações entre eles.

Dessa forma, o Mapa 1 contribui para compreender a abrangência territorial dos coletivos no município, enquanto o Mapa 2 aprofunda a leitura sobre a dinâmica espacial desses grupos no núcleo urbano de Caetité. A análise conjunta dos dois mapas reforça o papel da cartografia social como instrumento de leitura crítica do espaço e de valorização das práticas coletivas femininas.

**Figura 3: Mapa de Localização dos Coletivos de Mulheres em Caetité-BA
2025**



Mapeamento: Coletivos de Mulheres na Cidade de Caetité - BA
Discente: Érica Gomes Andrade | Orientador: Glauber Barros Alves Costa

Fonte: Acervo pessoal Hércules Carvalho (2025)

**Figura 4: Mapa de Localização dos Coletivos de Mulheres em Caetité-BA
2025**



Mapeamento: Coletivos de Mulheres na Cidade de Caetité - BA
Discente: Érica Gomes Andrade | Orientador: Glauber Barros Alves Costa

Fonte: Acervo pessoal Hércules Carvalho (2025)

O mapeamento dos coletivos de mulheres, apresentado nos dois mapas, mostra a importância dessa prática para dar visibilidade às dinâmicas sociais protagonizadas por mulheres no espaço urbano. A presença de grupos como a Associação das Senhoras de Caridade, o Clube da Amizade, o Grupo da Legião de Maria, o Movimento de Mulheres Camponesas, o Terno das Ciganas e o Terço das Mulheres revela não apenas onde essas organizações estão, mas também como se relacionam com o território e com práticas de resistência e solidariedade comunitária. Alguns desses coletivos se vinculam diretamente à dimensão religiosa, como a Legião de Maria, o Terno das Ciganas e o Terço das Mulheres, orientados pela fé e pela devoção. Outros, por sua vez, assumem caráter mais social e comunitário, como a Associação das Senhoras de Caridade, o Clube da Amizade e o Movimento de Mulheres Camponesas, que se organizam em torno do trabalho coletivo, da solidariedade e da luta por direitos. Essa diversidade evidencia como diferentes motivações, religiosas e sociopolíticas, se entrelaçam no território, fortalecendo as redes de apoio e resistência feminina.

Os dois mapas mostram que os coletivos de mulheres estão localizados bem próximos uns dos outros, principalmente na área central de Caetité. A concentração dos coletivos em uma mesma área também pode mostrar que existem regiões da cidade com mais oportunidades ou abertura para esse tipo de

organização social. Por outro lado, também levanta a questão de como as mulheres que vivem em bairros mais afastados ou nas áreas rurais podem estar menos visíveis ou com menos acesso a essas redes. Pensar na localização desses coletivos ajuda a entender melhor o território e onde ainda é possível fortalecer a presença e a participação das mulheres, especialmente em lugares onde elas continuam pouco representadas.

Essa leitura espacial dos coletivos de mulheres também permite perceber como as mulheres, muitas vezes de forma silenciosa e invisibilizada, ocupam territórios e constroem redes de apoio fundamentais para a sustentação da vida cotidiana. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que esses grupos não apenas desenvolvem atividades assistenciais, religiosas ou culturais, mas também criam formas de resistência diante das múltiplas violências que atravessam seus corpos, lares e comunidades.

O mapa, nesse sentido, não é só um registro técnico, ele carrega histórias, afetos e lutas. Cada ponto localizado representa muito mais do que um endereço, representa um espaço de encontro, de partilha, de cuidado e também de enfrentamento. Foi justamente esse aspecto que mais chamou a atenção durante o processo de mapeamento. Percebe-se que, por trás das legendas e cores, existem trajetórias de mulheres que se organizam para cuidar umas das outras, fortalecer identidades e garantir que nenhuma fique para trás.

Algumas vezes, os movimentos sociais propõem um enquadramento de temas mais amplo, chamado de macro moldura interpretativa [...], que corresponde aos valores e crenças compartilhados pelo público em geral, que acabam por influenciar como as ações coletivas são formadas [...] (Justus; Romancini; Castilho; 2019, p.21)

Além disso os coletivos de mulheres em Caetité, pode ser percebida na forma como as ações e discursos dessas organizações dialogam com valores amplamente reconhecidos pela comunidade, como solidariedade, fé, preservação das tradições locais dentre outros aspectos.

Assim, mais do que localizar coletivos no espaço, o mapeamento permite compreender as narrativas que sustentam suas práticas e como essas narrativas dialogam com questões estruturais e simbólicas do território. É nesse entrelaçamento de lugares, histórias e valores que reside a força dessas organizações, que seguem, muitas vezes de forma silenciosa, transformando o

cotidiano e inspirando outras mulheres a se unirem nessa rede de apoio e resistência.

Percebo que é justamente nessa junção entre histórias, valores e a proximidade dos lugares que tudo ganha mais força. O território deixa de ser apenas o espaço onde as coisas acontecem e passa a ser parte viva dessa construção coletiva. É nele que essas redes se fortalecem, se espalham e transformam, pouco a pouco, a vida de quem está dentro e ao redor delas. Como destaca Saquet (2007, apud PUC-Rio, 2009, p. 44), “o território, dessa maneira, é objetivado por relações sociais, de poder e dominação, o que implica a cristalização de uma territorialidade, ou de territorialidades no espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas [...] constituem o território, como materialidade”.

Mapear é também um ato político. Quando escolhemos o que mapear e como representar aquilo que é mapeado, estamos também dizendo o que consideramos importante, digno de memória e de cuidado. E nesse caso, o que importa são essas mulheres, seus coletivos, e a forma como, juntas, transformam os espaços em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento dos coletivos de mulheres em Caetité, realizado a partir da cartografia social, evidencia que o território é mais do que um recorte físico ou uma representação técnica, ele é um espaço vivo, atravessado por histórias, memórias, afetos e relações de poder. Ao colocar no mapa grupos que historicamente foram invisibilizados, a cartografia social assume um papel político e transformador, permitindo que as vozes e experiências dessas mulheres ganhem destaque e reconhecimento.

As diferentes vertentes do feminismo liberal, radical, negro, indígena, marxista, ecofeminista, entre outras mostram que não existe uma única forma de compreender ou lutar contra as desigualdades. Ao trazer essa pluralidade para o campo da cartografia social, torna-se possível representar não apenas a localização de coletivos, mas também a diversidade de práticas, valores e identidades que moldam o território. No caso de Caetité, os mapas revelam a presença ativa de associações, movimentos religiosos, culturais, assistenciais e camponeses, indicando que as mulheres não apenas ocupam espaços, mas os

ressignificam, transformando-os em pontos de resistência, cuidado e solidariedade.

A concentração dos coletivos na região central da cidade aponta tanto para a força dessas redes quanto para as desigualdades espaciais que ainda precisam ser enfrentadas. Bairros periféricos e áreas rurais, muitas vezes distantes dos fluxos de recursos e oportunidades, tendem a ter menor perceptibilidade e acesso a essas formas de organização. Essa constatação reforça a importância de ampliar a presença e a participação das mulheres em todos os territórios, garantindo que as redes de apoio se expandem e alcancem realidades diversas.

Ao unir o olhar crítico do feminismo com as práticas participativas da cartografia social, este trabalho reforça que mapear é também um ato de reconhecer, interpretar e dar significado aos territórios e as experiências que neles se constroem. Cada ponto marcado no mapa representa um encontro, uma história e uma possibilidade de transformação. Reconhecer e registrar esses espaços significa preservar memórias, fortalecer identidades e inspirar novas formas de organização.

Assim, a cartografia social aplicada aos coletivos de mulheres de Caetité mostra-se como um instrumento metodológico e político fundamental para compreender e intervir na realidade. Mais do que um registro estático, o mapa se torna um espaço vivo de disputa simbólica e material, capaz de narrar o território a partir de quem o vive e o transforma todos os dias. Nesse sentido, fortalecer a proeminência dessas mulheres, é fortalecer também a construção de um futuro mais justo, inclusivo e plural, onde a presença feminina seja reconhecida não como exceção, mas como parte essencial da vida comunitária e da história local.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ítalo D'Artagnan. **Metodologia do trabalho científico**. Coleção Geografia. Recife: Ed. UFPE, 2021. p. 1-53. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49435>. Acesso em: 11 ago. 2025.

ANDRADE, Luciana; CUNHA, Ana Luiza Salgado; REZENDE, Daniela. Uma abordagem histórica do movimento feminista no Brasil. In: CUNHA, Ana Luiza Salgado; MOREIRA, Núbia Regina (org.). **Narrar-se como processo de (re)existência: narrativas de mulheres da UNEB VI**. Curitiba: CRV, 2023. v. 1, p. 1-52.

GOHN, Maria da Glória. Mulheres: atrizes dos movimentos sociais – relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. **Política & Sociedade**, v. 6, p. 41-70, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: resultados preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 28 ago. 2025.

JUSTUS, P.; ROMANCINI, R.; CASTILHO, F. **Um prisma, muitas faces: mapa de coletivos de mulheres, suas propostas e formas comunicativas**. Porto Alegre: Campoós, 2019. p. 1-25. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/enrol/index.php?id=78802>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES, Ana Carolina de Oliveira. Cartografias existenciais de mulheres no assentamento Canudos (Goiás). **Revista de Geografia**, [s. l.], v. 36, n. 1, p.

273-291, 2019. DOI: 10.51359/2238-6211.2019.238796. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/238796>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NEVES, T. C.; GONÇALVES, A. R. **A prática da cartografia social na educação: uma revisão de literatura. Estudos Geográficos (UNESP)**, v. 20, p. 489-508, 2022.

PARDINI, H.; ARAÚJO, A. A. Considerações acerca das mudanças teórico-metodológicas e produções cartográficas brasileiras: um estudo crítico. **Okara: Geografia em Debate (UFPB)**, v. 17, p. 357-367, 2023.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Multiterritorialidade e múltiplas identidades**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15049/15049_5.PDF. Acesso em: 20 ago. 2025.

RUCKMANN, Renata; RANCK, Elisabeth. **Cartografia social como abordagem metodológica no ensino da cartografia no ensino médio**. In: FERRETTI, Orlando (org.). Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: primeiro semestre de 2017. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2017.

SANTOS, Tamara Teixeira dos; OLIVEIRA, Ana Carla da Silva; QUEIROZ, Rubens Teixeira de; SILVA, Juliana Santos. **Mapeamento geográfico do município de Caetité (BA): aspectos territoriais e ambientais**. Revista GeoNordeste, São Cristóvão, v. 30, n. 2, p. 145–162, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 31 out. 2025

SILVA, João; CARVALHO, Maria; SOUZA, Pedro. Cartografia social e uso do QGIS em pesquisas participativas. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 75, n. 2, p. 40-60, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/geo/a/9QhQ7F9z4JvF3pqk6f7y3Qn/>.

TEIXEIRA, Marcella Barbosa Miranda; LOPES, Fernanda Tarabal; JÚNIOR, Admardo Bonifácio Gomes. **Gênero e feminismos: conceitos e perspectivas**. Caderno Espaço Feminino, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 405-430, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/CEF-v32n1-2019-18>.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Erica Gomes Andrade estudante do curso de Licenciatura em Geografia da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado **MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE CAETITÉ** é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

NÃO houve o uso de inteligência artificial

SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita** do texto)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- revisão linguística do texto
- elaboração de imagens e gráficos
- tradução
- Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 25/09/2025.

Erica Gomes Andrade - N° 062210196

Nome do(a) Discente – N° de Matrícula



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Erica Gomes Andrade estudante do curso de Licenciatura/Bacharelado em Geografia da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado MAPEAMENTO DOS COLETIVOS DE MULHERES DO MUNICÍPIO DE CAETITÉ é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 25/09/2025.

Erica Gomes Andrade - N° 062210196

Nome do(a) Discente – N° de Matrícula